



DO MANUSCRITO AO LIVRO IMPRESSO I

António Manuel Lopes Andrade

Maria Cristina Carrington (Coords.)

Aveiro | Coimbra | 2019

UA Editora – Universidade de Aveiro

Imprensa da Universidade de Coimbra

**O PRIMEIRO LIVRO IMPRESSO NO BRASIL:
CENSO E VALIDAÇÃO DOS EXEMPLARES CONHECIDOS
*A CASE STUDY*¹**

**THE FIRST BOOK PRINTED IN BRAZIL:
CENSUS AND VALIDATION OF EXTANT COPIES
*A CASE STUDY***

*Pedro de Azevedo*²

Resumo: O presente trabalho baseia-se num episódio recente da vida profissional do autor, livreiro-antiquário, na sequência do qual foi desenvolvido um estudo comparativo aprofundado sobre os exemplares conhecidos do folheto *Relação da entrada que fez [...] D. Fr. Antonio do Desterro Malbeyro Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste prezente Anno de 1747... / composta pelo Doutor Luiz Antonio Rozado da Cunha... Rio de Janeiro, Na Segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonseca* [sic] Anno de MDCC. XLVII. [1747]. O opúsculo em questão é hoje consensualmente considerado o primeiro livro impresso, de que há registo, no Brasil. O

¹ Por razões que têm a ver com a defesa da privacidade dos intervenientes portugueses, os seus nomes e outros dados de identificação foram alterados.

² Livreiro-Antiquário, Association Internationale de Bibliophilie (membre d'honneur): pedrofaz@sapo.pt

estudo inclui um censo de todos os exemplares conhecidos e uma peritagem especialmente centrada num determinado exemplar em análise (*a case study*), cujas características tipográficas e de proveniência se revelaram suspeitas.

Palavras-chave: Livro Antigo; Peritagem; História da Tipografia; Brasil Colonial

Abstract: This paper is based on a recent episode in the professional life of the author, a rare book dealer, which led him to develop a comparative study on the known copies of the famous pamphlet *Relação da entrada que fez [...] D. Fr. Antonio do Desterro Malheyro Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste prezente Anno de 1747... / composta pelo Doutor Luiz Antonio Rozado da Cunha... Rio de Janeiro, Na Segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonceca [sic] Anno de MDCC. XLVII. [1747]*. This pamphlet is currently considered the first book printed in Brazil. A complete census of all the extant copies is included in this study, together with an expert appraisal of a particular copy (a case study), whose specific provenance and typographic features have raised suspicions about its authenticity.

Keywords: Rare Books; Expertise; History of Typography; Colonial Brazil

1. Contexto

António Isidoro da Fonseca [A.I.F.] (†1760?), natural do arcebispado de Braga, foi um dos mais importantes impressores e editores portugueses da primeira metade do século XVIII, tendo exercido atividade tipográfica em Lisboa, pelo menos entre 1728 e 1745³. Nos seus prelos foram produzidas obras culturalmente relevantes, tais como o primeiro tomo da *Bibliotheca Lusitana* (figura 1), do abade Diogo Barbosa Machado⁴, escritos de alguns autores consagrados, como Pietro Metastasio⁵ ou o padre Manuel Severim de Faria⁶, e

³ Segundo Artur Anselmo, António Isidoro da Fonseca terá sido “um dos impressores com maior número de obras acabadas [em Lisboa], neste período” (reinado de D. João V, 1706-1750), figurando em oitavo lugar na lista de impressores, apresentada, por ordem decrescente, por este historiador do livro português (“O livro português na época de D. João V”, in *Estudos de história do livro*. Lisboa, Guimarães, 1997, p. 92). O investigador Jair Rattner regista 113 produções saídas dos prelos lisboenses de A. I. F. (ver Jair Norberto RATTNER, *Levantamento das obras impressas por António Isidoro da Fonseca existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa [trabalho realizado para o seminário de História do Livro na Fac. de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]*. Lisboa, s.n., [UNL], 1990).

⁴ Diogo Barbosa Machado (1682-1772), presbítero secular católico, escritor e bibliógrafo, natural de Lisboa; autor da *Bibliotheca Lusitana*, sua obra magna, publicada em Lisboa, em 4 vols., entre 1741 e 1759, a primeira bibliografia geral de Portugal; reuniu importante biblioteca que ofereceu ao rei D. José I, após o incêndio que, na sequência do terremoto de 1755, destruiu a biblioteca real; a coleção Barbosa Machado acompanhou a família real na sua viagem para o Brasil, em 1807-1808 e constitui hoje um dos mais importantes fundos antigos da Biblioteca Nacional do Brasil, do Rio de Janeiro.

⁵ Pietro Metastasio (1698-1782), escritor italiano, natural de Roma, ocupou o cargo de poeta na Corte Imperial de Viena e celebrizou-se, sobretudo, como talentoso e prolífico libretista. Entre 1736 e 1738 A.I.F. imprimiu em Lisboa pelo menos seis dos seus dramas: *Alexandre na Índia* (1736), *Semiramis* (ca.1737), *A Olimpiade* (1737), *Demofonte* (1737), *L'Artaserse* (1737) e *L'Emira* (1738); uma adaptação do seu drama musical *Siroe*, com o título *Filinto exaltado*, foi representada, com excelente música, a 11 de dezembro de 1746, no Rio de Janeiro, durante os festejos que celebraram a entrada na diocese do bispo D. António do Desterro Malheiro, como nos relata o juiz de fora Luís António Rosado da Cunha, autor da *Relação da entrada que fez...* Rio de Janeiro, António Isidoro da Fonseca, 1747, p. 7.

⁶ Manuel Severim de Faria (1584-1655), erudito historiador e genealogista, chantre da Sé de Lisboa, de onde era natural; autor das *Notícias de Portugal* (Lisboa, 1655), obra publicada em segunda edição por A. I. F. (Lisboa, 1740), é considerado um dos pioneiros do jornalismo português.

outros de personagens polémicas, como o dramaturgo António José da Silva⁷, conhecido como “o Judeu”.

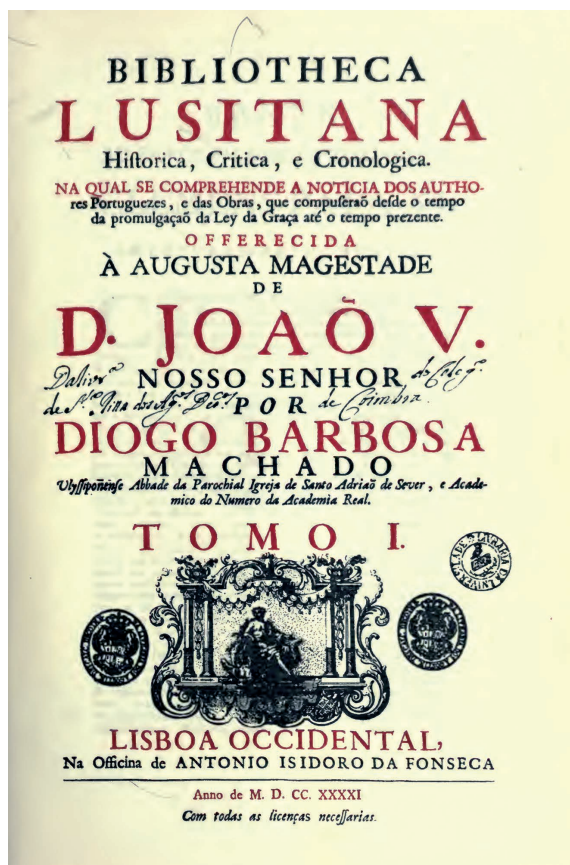


Figura 1 – Rosto do tomo primeiro da *Bibliotheca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (Lisboa, 1741), impresso por António Isidoro da Fonseca (exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)

⁷ António José da Silva (1705-1739), escritor, natural do Rio de Janeiro, conhecido como “O Judeu”, foi o maior dramaturgo de língua portuguesa da sua época; em 1737 foi preso e torturado pela Inquisição, juntamente com sua mãe e sua mulher, mais tarde libertadas; condenado por judaísmo, foi executado (garrotado) e o seu corpo queimado num auto da fé, em 19 de outubro de 1739. Na oficina de A.I.F. viria a publicar três peças: *O Labirinto de Creta* (1736), *As variedades de Proteo* (1737) e *Guerras do Alecrim e Mangerona* (1737).

Não é certo que A.I.F. tenha tido problemas com a Inquisição causados pela publicação das obras deste último autor, que, perseguido pelo Santo Ofício, viria a ser condenado por judaísmo e executado num auto da fé em 1739.

Mas, por esta razão, ou por qualquer outra, em data incerta, provavelmente no final do ano de 1746, o tipógrafo, decidido a dar novo rumo à sua vida, resolveu partir para o Brasil, levando na bagagem o essencial da sua oficina tipográfica de Lisboa.

Chegado ao Rio de Janeiro, logo A.I.F. se estabeleceu com o firme propósito de iniciar uma nova fase da sua atividade profissional, procurando clientela que lhe pudesse alimentar o negócio, instalando a que denominou *Segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonceca* [sic]⁸.

Importa aqui lembrar que até então o Brasil não tinha ainda conhecido qualquer experiência tipográfica no seu território. Na realidade, fruto de uma política centralizadora que atingiu o auge no período pombalino, a Coroa portuguesa, embora sem o declarar expressa ou formalmente, nunca viu com bons olhos o estabelecimento da atividade impressória em Terras de Santa Cruz. Igualmente, segundo esta orientação, as instituições que tutelavam os mecanismos de licenciamento a que os impressores e livreiros tinham que obedecer antes de publicar as suas edições, situavam-se todas em Lisboa⁹. E, assim, durante mais de dois séculos, todos os livros portugueses referentes ou destinados ao Brasil, bem como todas as obras de autores brasileiros, foram impressos em Lisboa.

⁸ Sobre a atividade tipográfica de A.I.F. no Brasil, a principal referência consultada foi: Jerônimo Duque Estrada de BARROS, *Impressões de um tempo: a tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro (1747-1750)* [dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense]. Niterói, s.n. [UFF], 2012.

⁹ No final do reinado de D. João V (1706-1750), as instituições de censura do livro em Portugal eram o Ordinário (governo da diocese correspondente ao local de publicação), a Inquisição e o Desembargo do Paço (ver Maria Teresa Esteves Payan MARTINS, “1. Quem proibia”, in *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005, pp. 9-57.

E teria sido assim até à chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, em janeiro de 1808, a que se seguiu o estabelecimento da Imprensa Régia, a 13 de maio do mesmo ano, não fosse a tentativa de António Isidoro da Fonseca que, embora efémera, lhe valeu o honroso título de introdutor da imprensa no Brasil.

De facto, embora se conheçam mais três impressos¹⁰ produzidos na *Segunda Officina* de A.I.F. e resultantes, sobretudo, da sua colaboração com o Real Colégio das Artes e Ofícios da Companhia de Jesus, em 1747, o nosso tipógrafo viria a dar à luz, no Rio de Janeiro, um folheto da autoria do juiz de fora António Rosado da Cunha, intitulado *Relação da entrada que fez o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Antonio do Desterro Malbeyro Bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste prezente Anno de 1747*¹¹... Como é do conhecimento geral, este folheto é hoje consensualmente considerado o primeiro livro impresso no Brasil (figura 2).

¹⁰ Para além da *Relação da entrada...*, são conhecidos mais três impressos saídos da *Segunda Officina* de A.I.F., todos de 1747: 1 – *Conclusiones metaphysicas de ente reale, praeside R.P.M. Francisco [sic] de Faria Societatis Jesu. Lectore defendas offert Francisco Fraga...*, S.l., s.n., s.d. [1] f. (impressa em seda de um só lado; 80x73 cm), (Rubens Borba de MORAES, *Bibliographia Brasiliana: rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian authors of the Colonial period*. Los Angeles, University of California; Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1983, p. 303). 2 – *Em aplauso do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor, D. Antonio do Desterro Malbeyro Dignissimo Bispo desta cidade*, S.l., s.n., s.d. [5,12] ff. (impressas de um só lado) (R. B. de MORAES, op. cit., p. 42). 3 – *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rozario da Capella de S. Gonçalo das Catas Altas Final da Freguesia de Santo Antonio de Ita Bava. Rio de Janeiro, Na Officina de Antonio Isidoro da Fonceca [sic], 1747. 39 p.* (J. D. E. de BARROS, op. cit., pp. 105-110, 180). No início do século XX, o único exemplar conhecido do primeiro impresso fazia parte da Biblioteca do Colégio Anchieta de Nova Friburgo (Rio de Janeiro), mas hoje encontra-se na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte (Minas Gerais), onde foi localizado pelo investigador Jerônimo Duque Estrada de Barros (J. D. E. de BARROS, op. cit., p. 102). Do segundo, conhece-se igualmente apenas um exemplar na Biblioteca Nacional do Brasil (Coleção Barbosa Machado, BNB, Seção de Obras Raras, cota 24, 1, 9, n. 2). Do terceiro, recentemente descoberto por Jerônimo de Barros, conhece-se um exemplar depositado no Museu e Arquivo da Cidade de Catas Altas da Noruega, Minas Gerais (J. D. E. de BARROS, op. cit., pp. 73-75, 76-77 e 105-110, 180).

¹¹ R. B. de MORAES, op. cit., pp. 239-240.

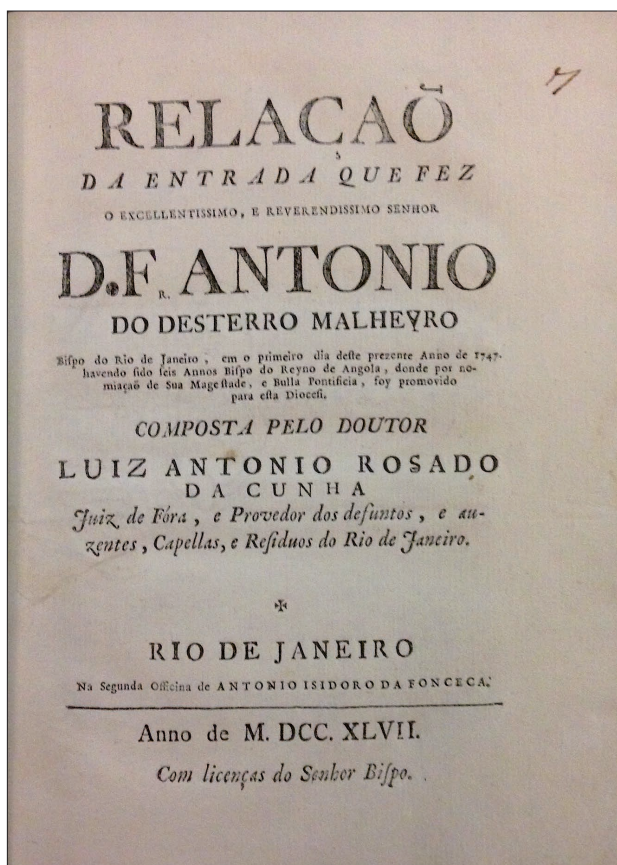


Figura 2 – Rosto da *Relação da entrada...*
(exemplar da New York Public Library)

Não se pretende aqui aprofundar as razões que levaram ao licenciamento incompleto da edição, nem ainda a todo o processo subsequente à sua publicação, e muito menos especular sobre as razões histórico-culturais que conduziram ao atraso da introdução da tipografia no Brasil.

Acrescentaremos apenas que A.I.F., consciente, ou talvez não, das graves consequências em que incorria, na ausência de representantes de, pelo menos, duas das instituições indispensáveis a um completo licenciamento do impresso, a Inquisição

e o Desembargo do Paço, apelou unicamente ao próprio bispo D. António¹² para que o autorizasse a publicar o texto, autorização que lhe foi concedida a 7 de fevereiro de 1747 e consta das duas últimas páginas impressas do folheto (pp. [21, 22])¹³ (figuras 3.1 e 3.2).

A reação da Coroa não se fez esperar: uma resolução do Conselho Ultramarino, datada de 10 de maio de 1747 e chegada ao Rio de Janeiro em julho do mesmo ano, ordenava aos governadores do Estado do Brasil que mandassem “sequestrar e remeter ao Reino por conta e risco dos seus donos”, quaisquer “letras de imprensa” existentes nos limites da sua jurisdição, determinando expressamente a todos os intervenientes “que não imprimam, nem consintam que se imprimam, livros, obras, ou papeis alguns avulsos, sem embargo de quaisquer licenças, que tenham para a dita impressão”¹⁴.

¹² D. Fr. António do Desterro Malheiro Reimão (1694-1773), religioso beneditino, natural de Ponte de Lima, foi o sexto bispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro (1745-1771); originário de uma abastada família minhota, com a ajuda do irmão, o Pe. Baltazar Malheiro, mandou construir a Capela das Malheiras, em Viana do Castelo, adjacente à Casa das Malheiras, um dos mais notáveis edifícios de arquitetura barroca da região (Francisco José Carneiro FERNANDES, “Capelas de Viana: capela e palacete dos Malheiros Reymão”: *Cadernos vianenses*. Tomo VI, 1981, p. 181). Agradecemos esta e outras informações relativas à família Malheiro Reimão a Alfredo Faria Araújo, de Ponte de Lima.

¹³ Os termos do requerimento que A.I.F. dirigiu ao bispo são particularmente interessantes: “Diz A.I.F., que elle pertende imprimir a Relação incluza, mas como não esteja inda revista por Vossa Excellencia tanto como Inquizidor Delegado, como Ordinario, para se ver se tem cousa, que offenda a nossa Santa Fé...”, ou seja, A.I.F. considera o bispo representante de duas das três entidades que regulam a censura do livro, a Inquisição e o Ordinário, faltando-lhe, contudo, a terceira, o Desembargo do Paço.

¹⁴ Ordem régia conservada na Biblioteca Nacional do Brasil, Seção de Manuscritos, cota II-34, 23, 001 n.º 050.

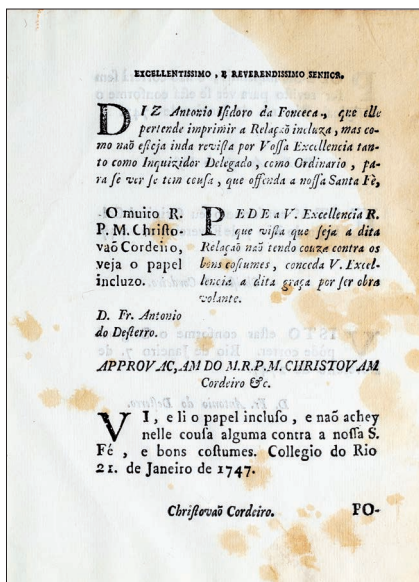


Figura 3.1 – Licenças, pp. [21] (exemplar de Lisboa)

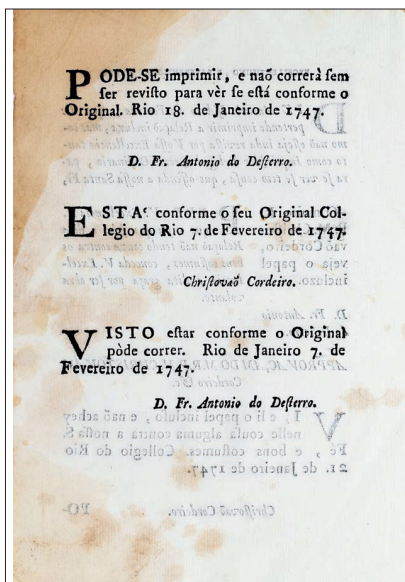


Figura 3.2 – Licenças, pp. [22] (exemplar de Lisboa)

Resistindo a esta contrariedade, António Isidoro da Fonseca terá permanecido ainda algum tempo no Brasil e talvez mesmo ensaiado outras iniciativas editoriais, mas em 1749 estava de volta ao Reino. A.I.F. terá ainda tentado voltar ao Brasil a fim de reatar a sua atividade impressória¹⁵, não se conhecendo, porém, nenhuma outra produção da sua oficina com data posterior ao seu regresso a Portugal.

¹⁵ Requerimento de A.I.F., datado de 19 de novembro de 1749 que viria a merecer do Conselho Ultramarino, a 29 de maio de 1750, o lacónico despacho de “escusado” (Eduardo de Castro e ALMEIDA, “Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa organizado para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro”: *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1936 (vol. 50, 1928), p. 121).

2. Primeiro contacto

A primeira vez que deparei com um exemplar da *Relação da entrada...* de A.I.F. terá sido no verão de 1984 quando, acompanhado do meu colega e amigo Luís Burnay, visitei um conhecido livreiro-antiquário de Lisboa. O nosso anfitrião estava de partida dentro de dias para a Feira do Livro Antigo de Londres e, entusiasmado, mostrou-nos algumas das suas últimas aquisições que ali pretendia apresentar.

De entre algumas preciosidades, chamou-nos a atenção um exemplar da famosa *Relação*, não só pela sua raridade e importância cultural, mas também por exhibir certas características que nos levaram a levantar algumas dúvidas sobre a sua genuinidade. O estado de conservação era quase perfeito; a tinta, muito abundante, era negra e brilhante; na página de rosto, um pelo estava grudado a uma das letras do título; e, não menos importante, a nossa intuição dizia-nos que alguma coisa estava errada. A convicção que demonstrámos foi determinante para que o nosso colega me tivesse confiado o exemplar para uma análise mais minuciosa, antes de partir para Londres.

Nessa época era bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra Maria da Graça Pericão, com quem contactei imediatamente solicitando-lhe todas as informações que ela pudesse recolher sobre o único exemplar da *Relação* existente em Portugal¹⁶, precisamente na BGUC.

¹⁶ O exemplar em causa (cota: Miscelâneas, vol. 311, folheto n.º 5129) pertenceu ao bibliófilo e prelado mitrado da Sé de Lisboa, Mons. José Pedro Hasse de Belém (1747-1805), membro do Conselho de Estado, censor régio e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. A sua vasta biblioteca, especialmente rica em miscelâneas, foi incorporada na Biblioteca da Universidade de Coimbra em 1806, por aquisição direta aos seus herdeiros, tendo o valor da transação ascendido a seis contos de réis (E. A. Maia do AMARAL (coord.), *Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, pp. 78-79).

Poucos dias depois, chegava-me pelo correio um pequeno pacote dentro do qual vinha um exemplar da edição fac-similada da *Relação*, publicada pela referida instituição em 1973¹⁷, uma fotocópia da página de rosto, um decalque em papel vegetal das marcas de água da folha de rosto, da folha correspondente às páginas 19/20 (com a contramarca do fabricante) e da última folha branca. Os documentos eram acompanhados de uma pequena nota manuscrita. Estas preciosas informações foram ainda complementadas, posteriormente, em duas longas conversas telefónicas.

Em pouco tempo pude verificar algumas diferenças substanciais, nomeadamente duas que apontavam para a confirmação das nossas suspeitas: o papel não apresentava as mesmas marcas de água e a estrutura dos cadernos era diferente. De facto, enquanto o exemplar de Coimbra era composto por um caderno de doze folhas dobradas ao meio¹⁸, com costura central, o exemplar em estudo era constituído por um caderno de dez folhas (20 páginas) dobradas ao meio, seguindo-se um caderno de duas folhas (4 páginas), igualmente dobradas ao meio.

Assim, tendo em conta, sobretudo, esta última constatação, juntamente com as outras características então observadas, cheguei à conclusão de que o exemplar em causa aparentava ter sido estampado modernamente, embora em papel da época, através de um processo fotomecânico, quase seguramente a zincogravura¹⁹.

¹⁷ “Relação da entrada que fez o Bispo do Rio de Janeiro D. Fr. António do Desterro Malheiro nesta Cidade em 1747”: *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXX (1973).

¹⁸ Duodécimo ou in-12º (ou ainda in-doze): imposição que dá 24 páginas de impressão por folha (Maria Isabel FARIA; Maria da Graça PERICÃO, *Dicionário do livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra, Almedina, 2008, pp. 419 e 569).

¹⁹ Processo de reprodução de originais com recurso à fotografia e incluindo, de forma muito simplista, as seguintes etapas: 1 – Fotografa-se o original a re-

Estas conclusões foram comunicadas ao colega proprietário do folheto, no seu regresso da Feira de Londres. Uns dias mais tarde, o mesmo livreiro confidenciou-me que a pessoa que lhe vendera o folheto, confrontada com as dúvidas quanto à sua autenticidade, tinha procurado reavê-lo e o exemplar terá, eventualmente, sido devolvido à procedência. O episódio ficou por aqui e durante largos anos não tive mais informações sobre este assunto.

3. Segundo contacto

Passaram-se, entretanto, mais de 20 anos, quando, no início do ano de 2008, no decurso da avaliação de uma biblioteca particular situada nos arredores de Lisboa, me surgiu um outro exemplar do mesmo impresso, cuidadosamente acondicionado numa bolsa de cartolina (figura 4).

O opúsculo era propriedade de Alfredo de Castro, artista plástico de reconhecido prestígio nacional e internacional, único filho de Alberto de Castro, discreto, mas culto e bem informado, livreiro-antiquário de Lisboa, desaparecido em 1990, que lhe deixou uma importante biblioteca de livros antigos e outros documentos.

Chamei de imediato a atenção do proprietário para a descoberta do impresso, informando-o de que era uma peça culturalmente importante, rara e com valor venal significativo. Simultaneamente disponibilizei-me para lhe encontrar um comprador se, algum dia, ele a pretendesse alienar.

produzir; 2 – Reveste-se uma chapa de zinco (matriz) com verniz fotossensível; 3 – Impressiona-se a matriz com uma luz forte (ultravioleta) através do negativo; 4 – As zonas expostas endurecem, as protegidas ficam moles; 5 – A matriz é sujeita a um banho de ácido nítrico (ou água-forte) que vai corroer as zonas moles; 6 – O verniz é removido, obtendo-se uma gravura em relevo.

E, efetivamente, Alfredo de Castro reteve a minha informação, já que, cerca de seis anos depois, nos primeiros dias do mês de julho de 2014, voltou a contactar-me para me propor que promovesse a venda do folheto.

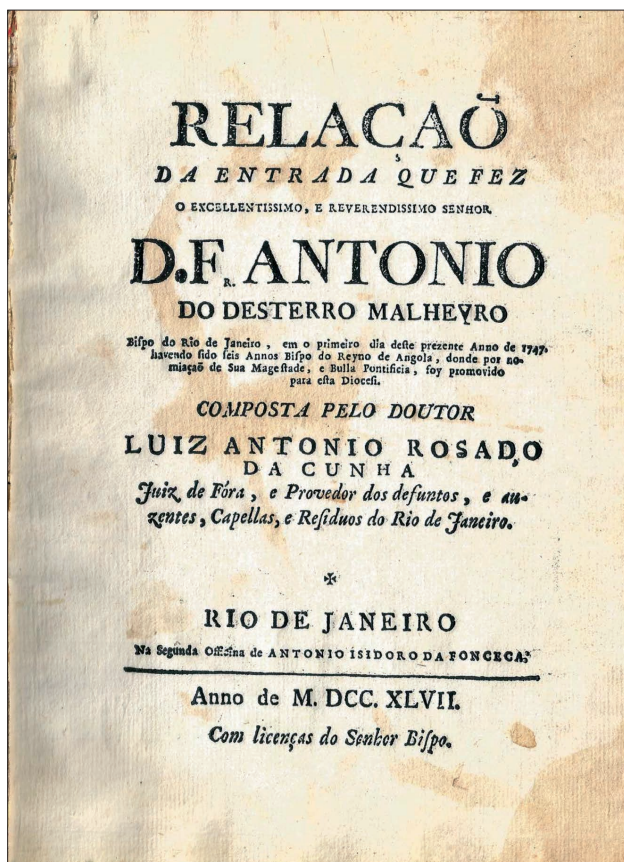


Figura 4 – Rosto do exemplar de Lisboa

Como é natural, fiquei satisfeitíssimo com a oportunidade. Não é todos os dias que um livreiro-antiquário tem em seu poder um exemplar do primeiro livro publicado no Brasil e, sobretudo, com a mais que provável perspectiva de o vir a vender.

Alguns dias depois, o proprietário entregava-me o exemplar que logo foi sumariamente analisado. Nesse mesmo dia, estabeleci contacto com um dos meus clientes, seguramente um dos maiores bibliófilos e colecionadores do Brasil.

Importa aqui adiantar que os poucos exemplares conhecidos da *Relação* de A.I.F. (já iremos ver quantos), se encontram todos integrados em bibliotecas de prestigiadas instituições, disseminadas por diversos pontos do globo.

O cliente ficou imediatamente interessado e mesmo entusiasmado, com a perspectiva de vir a ser o único colecionador privado a ter na sua biblioteca o primeiro livro impresso no Brasil.

E ficou combinado que nos encontraríamos duas semanas depois, pelas 19 horas, no átrio de um hotel em Londres, junto a Hyde Park, onde ele ia ficar alojado numa curta escala entre a Itália e o Brasil.

Durante aqueles 15 dias tive a possibilidade de acalmar um pouco, de voltar a assentar os pés na terra e, sobretudo, de recordar o episódio vivido em 1984 em casa do nosso colega livreiro-antiquário.

Iniciei então alguns contactos em Portugal e no estrangeiro, tendo conseguido recolher várias informações, embora em geral incompletas e, por vezes, mesmo um pouco confusas. Ainda assim, uma delas apontava para a existência de um exemplar que, apenas dois anos antes, tinha sido retirado de um leilão em Nova Iorque sob a suspeita de não ser original²⁰.

Sem perder tempo, um pouco alarmado, liguei para Alfredo de Castro e perguntei-lhe se alguma vez tinha levado o seu exemplar

²⁰ O exemplar consta do catálogo do leilão n.º 2287 (lote n.º 500), organizado pela leiloeira Swann Galleries, de Nova Iorque, em 2 de outubro de 2012, mas não chegou a ser posto à venda, tendo sido retirado antes do leilão ter início. Da respetiva descrição, destacamos: *This Relação da Entrada and two lesser works by Fonseca are the only extant printed works from 18th-century Brazil. See Smith [Carleton S.], "Two Copies of the First Book Published in Brazil," in Homage to a Bookman (Berlin, 1967), pages 187-195. Only seven copies have been traced, three of them in Brazil and the others in the United States. We have found no copies previously at auction.*

aos Estado Unidos da América. O meu interlocutor sossegou-me: o folheto estava na sua biblioteca desde que o pai tinha falecido em 1990 e nunca, desde então, viajara, nem sequer para a sala contígua.

Respirei fundo. Era outro exemplar. Até porque o papel era antigo, com certeza, e até tinha algumas manchas do tempo.

No dia e na hora apazada, lá estava eu em Londres, no *lobby* do hotel, com o folheto na minha pasta. O cliente chegou meia hora depois, vindo diretamente do aeroporto. Após as saudações protocolares, instalámo-nos numa discreta mesa do bar, onde ele examinou o exemplar com toda a tranquilidade, não sem que os seus olhos ficassem iluminados com um brilho que denunciava o seu estado de espírito. Observou o folheto ainda durante alguns momentos, até que me dirigiu a pergunta sacramental: quanto é que teria de despende para possuir aquela preciosidade?

Informei-o do valor pretendido pela transação, mas acrescentei que desejava ter ainda mais algum tempo para examinar o exemplar com calma e redobrada atenção e só então o poderia entregar. Notei algum desapontamento no seu olhar. Estava certo de que, se o tivesse deixado, o teria levado logo com ele.

Mas, por fim, lá concordou, admitindo que também ele tinha tido conhecimento da história do exemplar retirado do leilão de Nova Iorque e, pelo sim, pelo não, seria melhor procurar dissipar qualquer dúvida, remota que fosse, que ainda subsistisse.

E assim nos separámos. Regressei a Lisboa com a firme convicção de que, se o folheto fosse autêntico, como parecia quase certo, podia desde logo considerá-lo vendido pela importância proposta.

4. De volta a Lisboa

Regressado a Lisboa, iniciei o trabalho de investigação com grande determinação.

Estávamos no princípio de agosto de 2014.

A primeira coisa que fiz foi ler tudo o que pude reunir sobre o assunto, após o que me decidi pela elaboração de um censo dos exemplares conhecidos do impresso. Este caminho viria a provar-se de grande utilidade.

Ao fim de alguns dias de muita pesquisa (a *internet* não nos diz tudo) cheguei à conclusão de que eram conhecidos ao todo 11 exemplares do folheto, com a seguinte distribuição geográfica:

- 5 exemplares no Brasil: 3 no Rio de Janeiro e 2 em São Paulo;
- 4 exemplares nos EUA: 2 em Nova Iorque, 1 em Washington²¹ e 1 em Providence (RI);
- 1 exemplar na Alemanha, em Estugarda²²;
- 1 exemplar em Portugal, na Universidade de Coimbra.

A estes, havia a acrescentar o que tinha comigo (exemplar de Lisboa) e um outro, em parte incerta, a que chamaremos Swann, o mesmo que fora retirado de um leilão em Nova Iorque, como entretanto conseguira confirmar (quadro 1).

Deste último, foi possível ter acesso, embora reservado, a uma reprodução integral e de qualidade em formato digital, tendo desde logo constatado que se tratava de um exemplar distinto do de Lisboa, o que, na verdade, me tranquilizou bastante.

²¹ Os nossos agradecimentos a Maria Angela Leal, *Assistant Curator of the Oliveira Lima Library* (The Catholic University of America, Washington, EUA), pelas pormenorizadas informações que nos enviou sobre o exemplar existente naquela instituição.

²² Agradecemos igualmente, e pelas mesmas razões, à Dra. Sabine Lutz, diretora da *Brasilien Bibliothek, Robert Bosch GmbH* (Gerlingen, Estugarda, Alemanha).

QUADRO 1

Censo dos exemplares conhecidos: entidades proprietárias,
localização e datas das incorporações

	Instituições / proprietários e localização	data
1	Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra	1806
2	Biblioteca Nacional do Brasil, Rio de Janeiro - ex. 1	1808
3	Biblioteca Nacional do Brasil, Rio de Janeiro - ex. 2	1889
4	Biblioteca do Itamaraty, Rio de Janeiro	1912
5	Catholic University Library, Washington (DC, EUA)	1920
6	Universidade de São Paulo (SP, Brasil)	< 1962
7	New York Public Library (NY, EUA) - ex. 1	1965
8	New York Public Library (NY, EUA) - ex. 2	1965
9	John Carter Brown Library, Providence (RI, EUA)	1974
10	Fundação Robert Bosch GmbH, Estugarda (A)	1978
11	Banco Itaú, São Paulo (SP, Brasil)	2010
12	Exemplar de Lisboa (Lisboa)	1990
13	Swann copy (localização desconhecida)	< 2012

Apercebi-me, entretanto, de que existiam, pelo menos, duas variantes da edição: uma com um erro na data do pé de imprensa: MCCXLVII (variante CC) – 5 exemplares (figura 5); e outra com a data já corrigida: MDCCXLVII (variante DCC) – 8 exemplares (figura 4), obviamente em data posterior à descoberta da gralha tipográfica²³.

Procurei então averiguar a proveniência e a data da entrada, de cada um dos exemplares, na respetiva instituição. Graças a esta estratégia, consegui chegar a conclusões muito interessantes, algumas mesmo surpreendentes (quadro 2).

²³ Na realidade, são conhecidas ainda outras diferenças nas grafias de algumas palavras da composição tipográfica. Mas, uma vez que esses aspetos não se mostraram determinantes no decurso da nossa investigação, optámos por considerar apenas a característica mais conspícua nas duas variantes principais, ou seja, a data no pé de imprensa.

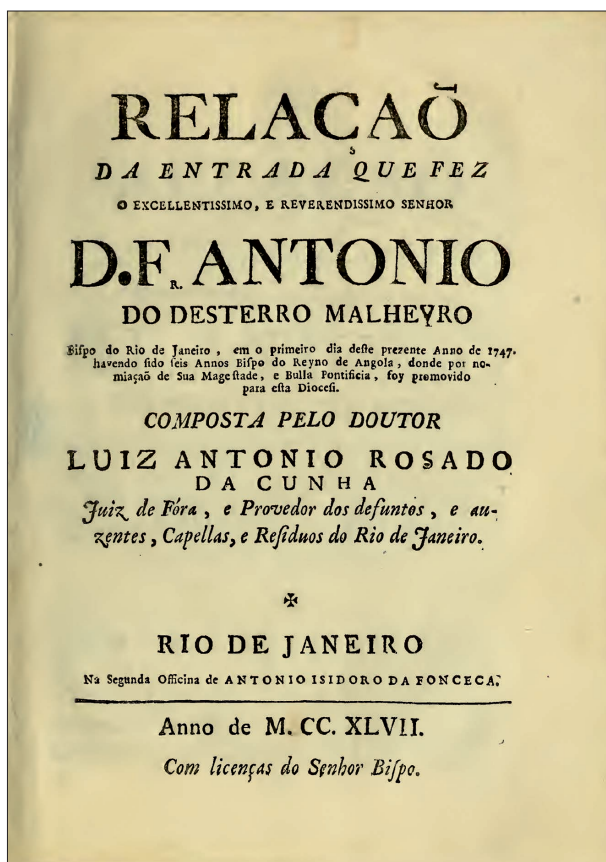


Figura 5 – Rosto do exemplar da John Carter Brown Library (Providence, RI, EUA)

QUADRO 2

Censo dos exemplares conhecidos: entidades proprietárias, proveniências, datas, grupos e variantes

	Instituição / / proprietário	Proveniência	Data	Grupo	Variante
1	Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra	Mons. Hasse de Belém	1806	A	DCC
2	Biblioteca Nacional do Brasil 1	Coleção Barbosa Machado	1808	A	DCC
3	Biblioteca Nacional do Brasil 2	Coleção J. A. Marques	1889	A	DCC
4	Biblioteca do Itamaraty	Coleção Rio Branco	1912	A	CC
5	Catholic University Library	Biblioteca Oliveira Lima	1920	A	CC
6	Universidade de São Paulo	Borba de Moraes / / Mindlin	< 1962	B	CC
7	New York Public Library 1	Alberto de Castro	1965	B	CC
8	New York Public Library 2	Alberto de Castro	1965	B	DCC
9	John Carter Brown Library	Alberto de Castro	1974	B	CC
10	Fundação Robert Bosch	(proveniência não confirmada)	1978	B	DCC
11	Brasiliana Itaú	(proveniência não confirmada)	2010	B	DCC
12	Exemplar de Lisboa	Alberto de Castro	1990	B	DCC
13	Exemplar Swann	(proveniência não confirmada)	< 2012	B	DCC

Três exemplares tinham dado entrada nas instituições ainda durante o século XIX e dois outros até 1920. Estes cinco exemplares (grupo A), que pertencem às duas variantes, foram selecionados como “exemplares de referência”, ou seja, exemplares que, tendo em consideração não só as datas das suas incorporações, mas também as suas proveniências, ofereciam sólidas garantias de autenticidade.

Dos oito exemplares remanescentes (grupo B), a proveniência de, seguramente três, mas talvez mesmo mais, apontava direta ou

indiretamente para a intervenção do já referido livreiro de Lisboa, Alberto de Castro, quer através da venda direta, quer através de um intermediário, à data não identificado²⁴.

A adicionar a estes, havia ainda a acrescentar o exemplar de Lisboa, que pertencia a seu único filho.

Só quanto ao exemplar da Universidade de São Paulo (Borba de Moraes/Mindlin), da variante CC, não me tinha ainda sido possível apurar a sua proveniência remota, bem como a data de aquisição pelo seu penúltimo proprietário Rubens Borba de Moraes²⁵. No entanto, analisando a etiqueta do encadernador parisiense George Gauché visível na guarda volante do exemplar, podemos apontar confortavelmente a sua aquisição para data anterior a outubro de 1963²⁶.

A confusão era grande: seriam os exemplares todos verdadeiros? Haveria exemplares falsos? Se sim, como fora feita a falsificação?

²⁴ Este intermediário foi inequivocamente identificado por Alfredo de Castro, atual proprietário do exemplar de Lisboa, como um antigo colaborador de seu pai, apropriadamente um ex-tipógrafo, que, segundo diversas fontes, poderá ter participado em, pelo menos, duas ou mesmo três transações de outros exemplares. E foi comprovadamente este mesmo colaborador que protagonizou a gorada transação ocorrida em 1984, que descrevo no segundo capítulo do presente trabalho (*Primeiro contacto*), conforme me afirmou, à data, o próprio livreiro-antiquário interveniente no referido episódio.

²⁵ Rubens Borba de Moraes (1899-1986), bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo e historiador do livro brasileiro, foi diretor da Biblioteca Nacional do Brasil e da Biblioteca da ONU (Paris e Nova Iorque). De entre a sua vasta bibliografia ativa, salienta-se a *Bibliographia Brasiliana: rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian authors of the Colonial period*. Revised and enlarged edition. Los Angeles, University of California; Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1983 (2 vols.). Reuniu extensa e valiosa biblioteca de obras raras que viria a legar ao seu amigo e bibliófilo José Mindlin, proprietário da que é considerada a maior e mais importante coleção privada do Brasil. Em 2006, Mindlin doou todos os seus livros e documentos de temática brasileira à Universidade de São Paulo, em cujo *campus* se encontram instalados, desde 2013, num edifício próprio denominado “Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin”.

²⁶ George Gauché, encadernador parisiense em atividade entre 1924 e 1983 (ver Julien FLETY, *Dictionnaire des relieurs français ayant exercé de 1800 à nos jours*. Paris, Ed. Technorama, 1988, p. 78). No entanto, podemos reduzir a janela temporal para data anterior a outubro de 1962, através de um dado constante da etiqueta do encadernador: o telefone (DANTON 90-56), cujo sistema de letras foi nessa data substituído por algarismos.

E, ainda em caso afirmativo, como é que até agora ninguém tinha dado conta do logro?

Seriam uns verdadeiros e outros falsos? Quais?

E, neste caso, teriam sido os falsos feitos a partir de um verdadeiro?

Impunha-se uma investigação mais aprofundada, que considerasse duas aproximações distintas e simultâneas: por um lado, a análise minuciosa das características físicas de cada exemplar, por outro, a verificação e validação da existência de eventuais conexões entre exemplares dos dois grupos – A e B – com vista à autenticação (ou não) dos exemplares do grupo B.

Iniciei então diversos contactos via telefone, *e-mail* e *Skype* com as várias instituições detentoras de exemplares, alguns dos quais com resultados muito positivos, outros, contudo, não tão satisfatórios.

Em consequência da colaboração desenvolvida com o Rare Book Department da New York Public Library e da inestimável pesquisa levada a cabo pela bibliotecária Valeria Gauz²⁷, do Rio de Janeiro, foi então possível determinar a autenticidade dos dois exemplares da NYPL.

De facto, o exemplar NYPL1 (CC) partilha a mesma marca de água (figura 6) com o exemplar de Coimbra, pese embora pertencerem a variantes distintas, e a contramarca²⁸ com o exemplar

²⁷ Gostaria de deixar aqui expresso um agradecimento muito especial à minha prezada amiga Valeria Gauz, do Rio de Janeiro, pela sua empenhada colaboração, sem a qual a presente investigação não teria chegado a bom termo. A sua contribuição consistiu, nomeadamente, no exame direto dos três exemplares existentes no Rio de Janeiro, sobre os quais me fez chegar valiosas informações. Valeria Gauz é mestre e doutora em Ciência da Informação pelo IBICT, investigadora e bibliotecária de livros raros. Foi chefe de diversas divisões da Biblioteca Nacional do Brasil, entre as quais a de Livros Raros; entre 1998 e 2005 trabalhou na John Carter Brown Library, Providence, (RI, EUA), onde elaborou o catálogo intitulado *Portuguese and Brazilian books in the John Carter Brown Library: 1537 to 1839* (Providence, JCBL, 2009); atualmente exerce funções de bibliotecária de “Livros Raros” no Museu da República, no Rio de Janeiro. <http://www.valeriagauz.net> (consultado a 5 de fevereiro de 2017).

²⁸ As duas contramarcas, idênticas, em forma de uma pequena balança com dois pratos, localizam-se ambas no canto inferior direito das mesmas páginas (p. 13).

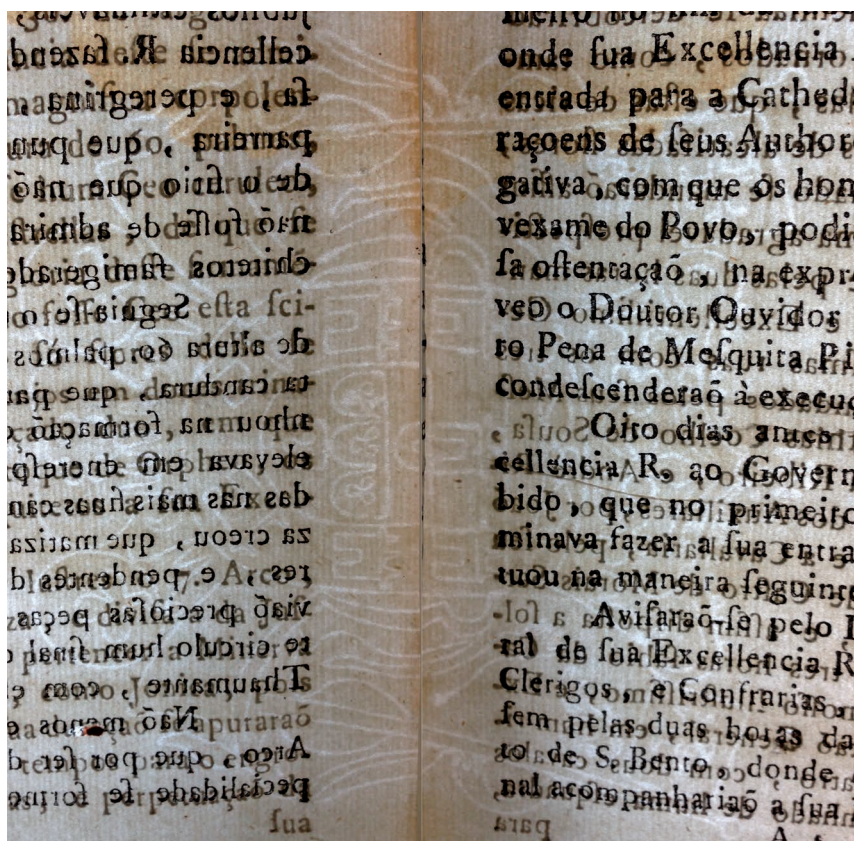


Figura 6 – Marca de água do exemplar NYPL1

do Itamaraty (CC). Quanto ao exemplar NYPL2 (DCC) apresenta a mesma marca de água (figura 7) do exemplar da Coleção Barbosa Machado da BNB, pertencendo ambos à mesma variante.

No que diz respeito ao exemplar da JCB (CC), a sua autenticidade foi reforçada, para além de qualquer dúvida razoável, pelo facto de apresentar na última página em branco, um ligeiro *offset* (impressão de contacto) onde se pode ler a palavra *SERMÃO* invertida (figura 8), certamente proveniente do contacto com um folheto contíguo existente numa miscelânea na qual o exemplar terá estado encadernado durante longos

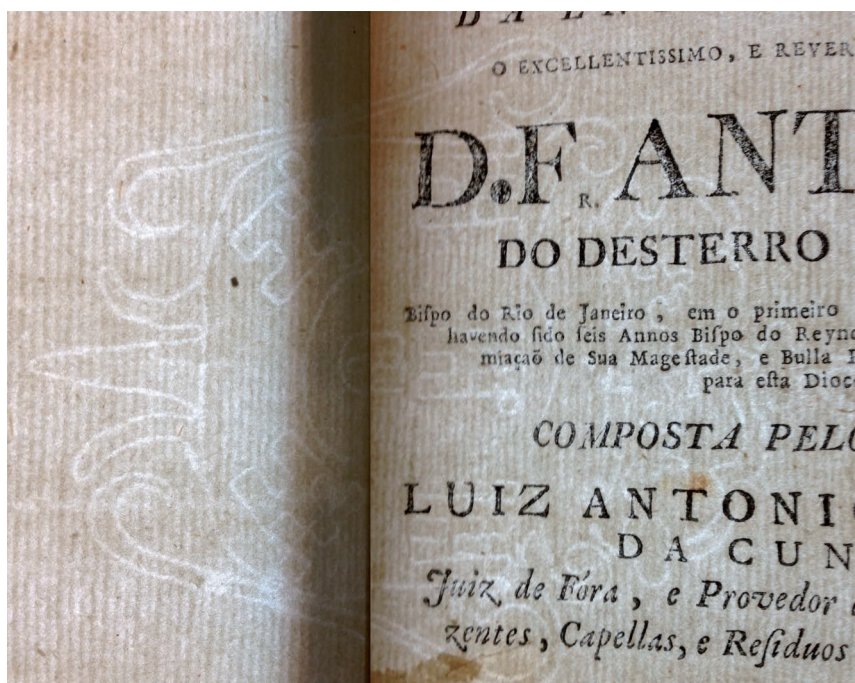


Figura 7 – Marca de água do exemplar NYPL2

anos²⁹. Veremos mais adiante um outro argumento a favor da sua autenticidade.

Nesta fase, foram, portanto, autenticados mais três exemplares do grupo B, todos eles transacionados comprovada e diretamente pelo livreiro Alberto de Castro entre 1965 e 1978 (quadro 3).

Era extraordinário como um livreiro de Lisboa podia ter tido acesso a, pelo menos, três exemplares de uma obra tão rara. Para esta questão, tão pertinente como enigmática, tentaremos mais à frente adiantar uma explicação.

²⁹ Cumpre-me agradecer a Kenneth Ward, *curator of Latin American Books*, na John Carter Brown Library (Providence, RI, EUA), a pormenorizada informação que me disponibilizou sobre as características do exemplar existente nesta instituição, bem como o envio do respetivo ficheiro digital integral.

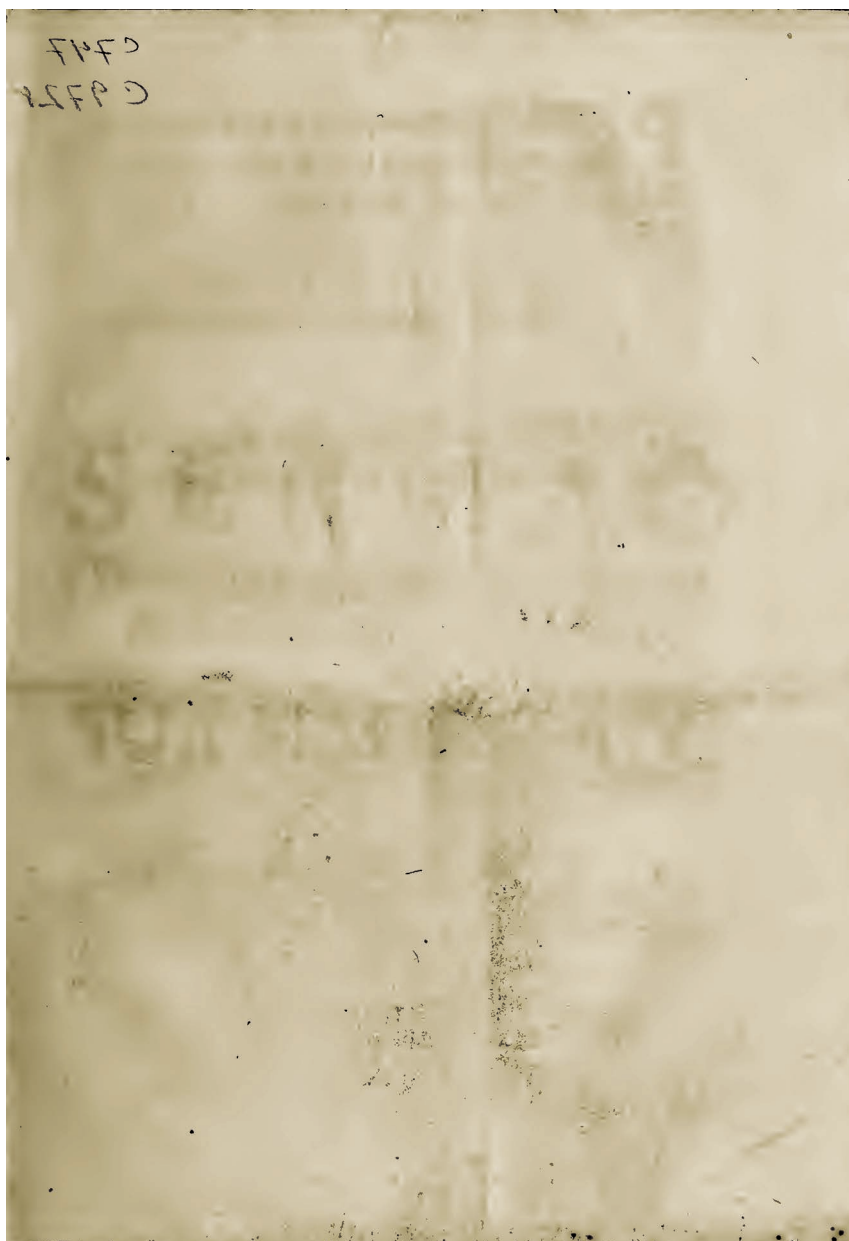


Figura 8 – *Offset* (impressão de contacto) da palavra SERMÃO na p. [24] do exemplar da JCBL (imagem propositadamente invertida na horizontal)

QUADRO 3

Censo dos exemplares conhecidos: proveniência, datas, variantes (observações), grupo e validação

	Instituição / / proprietário	Proveniência	Data	Obs. / / variante	Grupo	Validação
1	Biblioteca Geral Univ. de Coimbra	Mons. Hasse de Belém	1806	DCC	A	referência
2	Biblioteca Nacional do Brasil 1	Coleção Barbosa Machado	1808	DCC	A	referência
3	Biblioteca Nacional do Brasil 2	Coleção J. A. Marques	1889	DCC	A	referência
4	Biblioteca do Itamaraty	Coleção Rio Branco	1912	CC	A	referência
5	Catholic University Library	Biblioteca Oliveira Lima	1920	CC	A	referência
6	Universidade de São Paulo	Borba de Moraes / / Mindlin	< 1962	CC	B	
7	New York Public Library 1	Alberto de Castro	1965	(MA = BGUC) CC	B	original
8	New York Public Library 2	Alberto de Castro	1965	(MA = BNB2) DCC	B	original
9	John Carter Brown Library	Alberto de Castro	1974	(offset SERMÃO) CC	B	original
10	Fundação Robert Bosch	(não confirmada)	1978	DCC	B	
11	Brasiliiana Itaú	(não confirmada)	2010	DCC	B	
12	Exemplar de Lisboa	Alberto de Castro	1990	DCC	B	
13	Exemplar Swann	(não confirmada)	< 2012	DCC	B	

Depois de ter obtido e analisado imagens de alguma qualidade destes três exemplares, a simples observação a olho nu das características da impressão do exemplar de Lisboa, começou a

levantar-me algumas dúvidas, embora inicialmente não soubesse explicar bem porquê.

A impressão era poderosa, com forte relevo no verso, a tinta muito negra, compacta e abundante (figuras 9 e 4). A observação com grande aumento revelou mesmo excesso de tinta, com salpicos microscópicos em volta das letras.

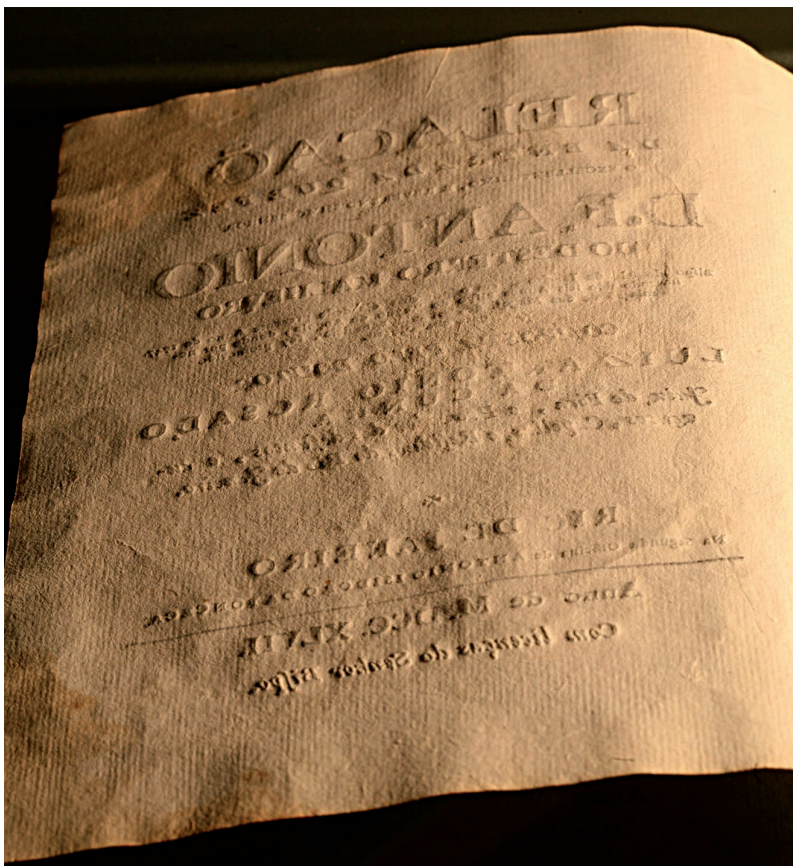


Figura 9 – Verso do rosto do exemplar de Lisboa (com luz rasante)

Tudo isto contrastava com a impressão mais fraca e superficial dos exemplares já autenticados ou de referência, onde a tinta era menos densa, com distribuição desigual e sem salpicos.

Foi então que a minha atenção se voltou para uma característica gráfica atípica e conspícua existente na página de rosto do exemplar de Lisboa (figura 10).

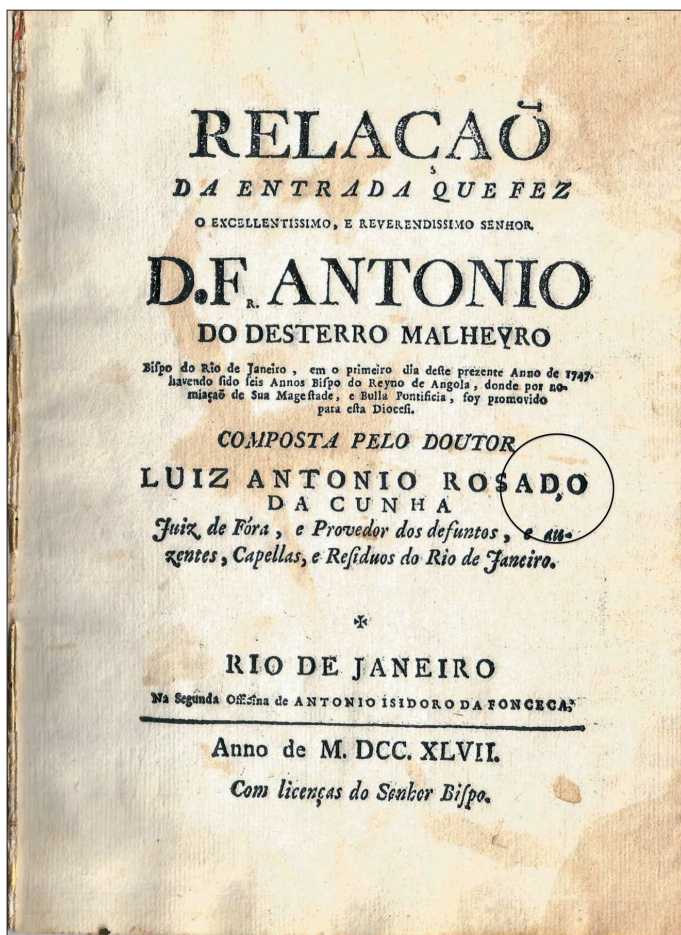


Figura 10 – Mancha do rosto no exemplar de Lisboa

De facto, por baixo da letra D da palavra ROSADO do nome do autor, é aparente uma mancha de tinta (figura 11) com cerca de 2 mm de comprimento, levemente inclinada para a direita e de formato semelhante a uma vírgula (figura 12).

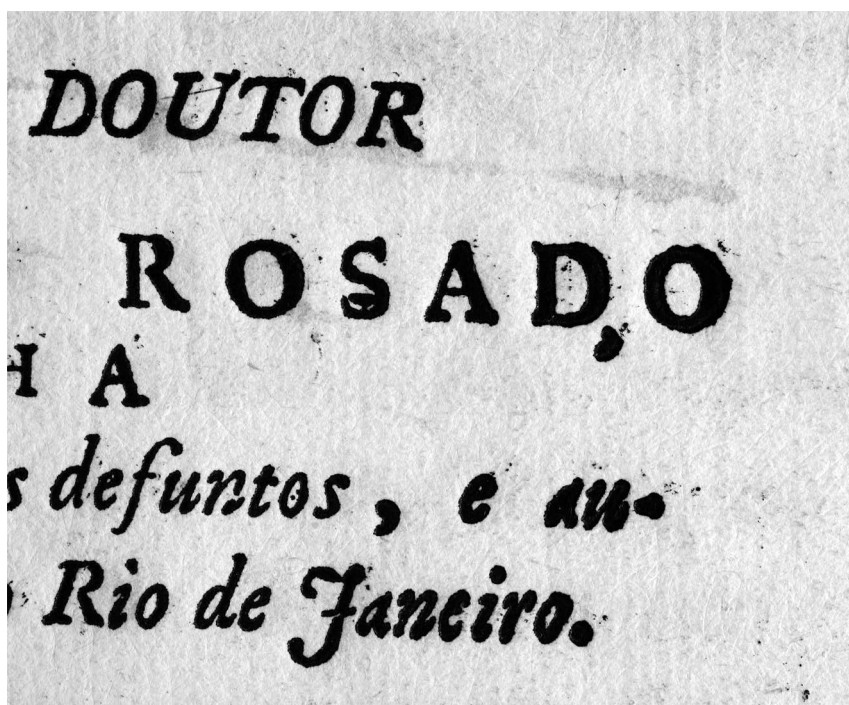


Figura 11 – Mancha do rosto no exemplar de Lisboa (aumentada)

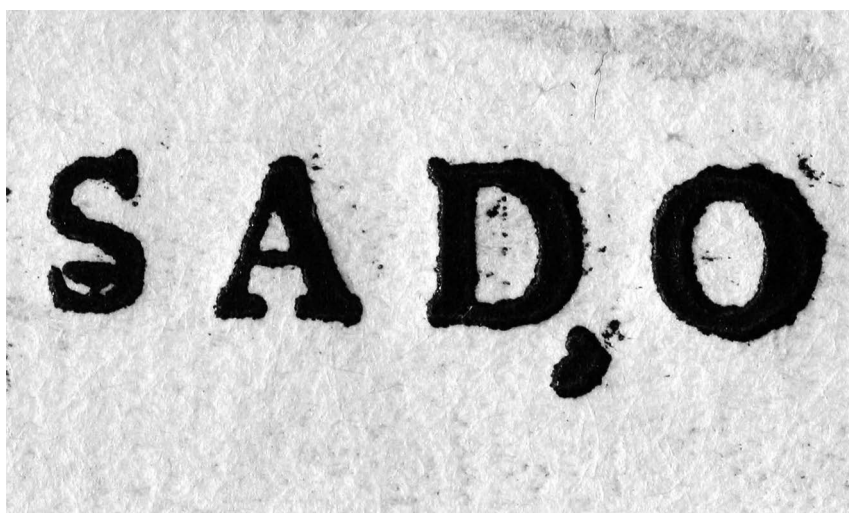


Figura 12 – Mancha do rosto no exemplar de Lisboa (muito aumentada)

Esta mancha, a ajuizar pela sua tintagem, terá sido impressa juntamente com o restante texto e provocou, no verso, um efeito de relevo semelhante ao das letras (figura 13).

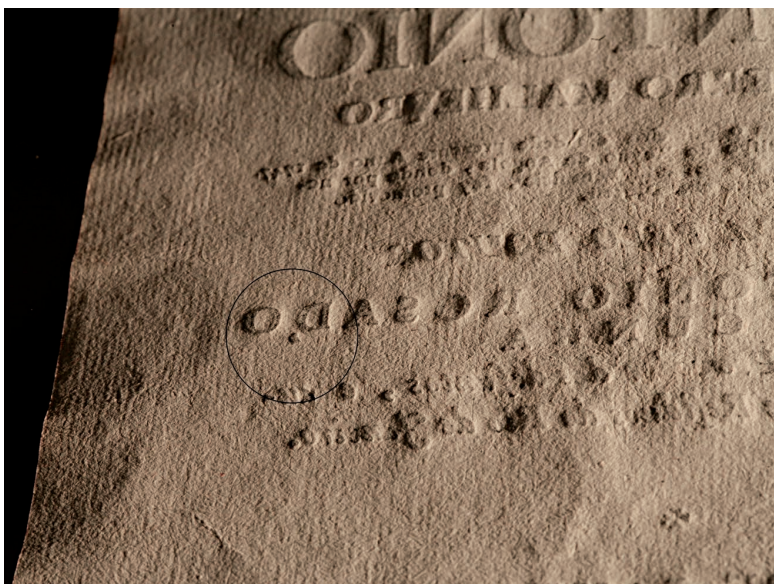


Figura 13 – Relevo da mancha do rosto no exemplar de Lisboa (aumentada e com luz rasante)

Confrontado com este novo dado, resolvi consultar um reconhecido especialista em tipografia, Benjamim Godinho³⁰, a quem já tinha recorrido noutras ocasiões, sempre com manifesto proveito. Depois de observar longamente o exemplar, Benjamim Godinho informou-me que, em sua opinião, a referida

³⁰ Agradecemos ao nosso estimado amigo Benjamim Godinho, tipógrafo reformado e ex-diretor da Escola de Composição Tipográfica da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa (instituição onde trabalhou durante toda a sua vida ativa), as suas pertinentes e utilíssimas observações que se revelaram decisivas na orientação da estratégia seguida na presente investigação.

mancha só podia ter sido originada por um de dois processos de produção:

- a) por um defeito no material tipográfico da composição (saliência, rebarba, etc.) que inadvertidamente tenha retido alguma tinta no momento da sua tintagem (processo de impressão tipográfica);
- b) ou ainda por um processo de impressão tipográfica, mas com recurso a uma matriz metálica (muito provavelmente uma zincogravura), que, na fase fotográfica, tenha fixado uma imperfeição original e única do exemplar a reproduzir (defeito do papel, sujidade, mancha superficial ou semelhante), que veio a impressionar a referida matriz que, posteriormente (na fase de estampagem ou impressão), a transmitiu ao papel, deixando visível uma marca de tinta.

De acordo com esta linha de investigação, decidi voltar a analisar as páginas de rosto dos 10 exemplares dos quais já tinha obtido imagens digitais de boa qualidade³¹. Foi então possível confirmar a existência de manchas idênticas, quanto à aparência e exata localização, em dois outros exemplares: NYPL2 e Swann (quadro 4).

³¹ No decurso da presente investigação não nos foi possível aceder, por razões que nos são alheias, a imagens diretamente digitalizadas (ou de qualidade) dos exemplares Robert Bosch e Brasiliana Itaú. No entanto, através das reproduções que constam dos catálogos das referidas coleções, a mesma marca, com a mesma localização, parece ser visível em qualquer dos dois exemplares (conf. Susanne KOPPEL, *Biblioteca brasileira da Robert Bosch GmbH*. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1992, p. 191, e Pedro Corrêa do LAGO, *Brasiliana Itaú*. São Paulo, Capivara, 2009, p. 292).

QUADRO 4

Censo dos exemplares conhecidos: proveniência, variantes (mancha [spot]), grupo e validação

	Instituição / / proprietário	Proveniência	Data	Obs. / / variante	Grupo	Validação
1	Biblioteca Geral Univ. de Coimbra	Mons. Hasse de Belém	1806	no spot - DCC	A	referência
2	Biblioteca Nacional do Brasil 1	Coleção Barbosa Machado	1808	no spot - DCC	A	referência
3	Biblioteca Nacional do Brasil 2	Coleção J. A. Marques	1889	no spot - DCC	A	referência
4	Biblioteca do Itamaraty	Coleção Rio Branco	1912	no spot - CC	A	referência
5	Catholic University Library	Biblioteca Oliveira Lima	1920	no spot - CC	A	referência
6	Universidade de São Paulo	Borba de Moraes / José Mindlin	< 1962	no spot - CC	B	original
7	New York Public Library 1	Alberto de Castro	1965	no spot - CC	B	original
8	New York Public Library 2	Alberto de Castro	1965	spot - DCC	B	original
9	John Carter Brown Library	Alberto de Castro	1974	no spot - CC	B	original
10	Fundação Robert Bosch	(não confirmada)	1978	spot(?) - DCC	B	(inconclusiva)
11	Brasiliana Itaú	(não confirmada)	2010	spot(?) - DCC	B	(inconclusiva)
12	Exemplar de Lisboa	Alberto de Castro	1990	spot - DCC	B	contrafação
13	Exemplar Swann	(não confirmada)	< 2012	spot - DCC	B	contrafação

Estes três exemplares partilhavam ainda duas características comuns: a proveniência de Alberto de Castro e a mesma variante MDCC (a proveniência do exemplar Swann não foi definitivamente comprovada, mas todas as informações até então recolhidas apontavam invariavelmente nesse mesmo sentido). Uma vez que o exemplar NYPL2 já havia sido considerado autêntico, ocorreu-me

passar a utilizá-lo como novo exemplar de referência, especialmente no que dizia respeito a esta particularidade.

E, neste caso, só se apresentavam duas hipóteses: ou a mancha do exemplar NYPL2 apresentava características semelhantes às do exemplar de Lisboa (tinta de impressão negra e forte impressão com relevo no verso) e o exemplar de Lisboa seria igualmente autêntico; ou a mancha do exemplar NYPL2 era substancialmente diferente da do exemplar de Lisboa e tudo se conjugaria para que o exemplar de Lisboa não fosse original.

Dada a complexidade e delicadeza do problema, foi possível agendar uma conversa telefónica no dia 9 de setembro de 2014, pelas 15.30 horas de Lisboa, com a bibliotecária da NYPL Miss Meredith Mann³², que tinha já preparados à sua frente os dois exemplares do folheto pertencentes à instituição.

A referida senhora, auxiliada por um superior hierárquico, foi perentória: embora localizada no mesmo local, a mancha era substancialmente diferente da do exemplar de Lisboa (figura 14). Em primeiro lugar era de coloração castanha; em segundo lugar, não apresentava qualquer relevo no verso, ou seja, era superficial. E logo Miss Meredith se dispôs a enviar-me imagens de grande qualidade e sobejamente elucidativas da misteriosa mancha.

As imagens chegaram ao fim da tarde, nesse mesmo dia.

Confesso que quando abri o *e-mail* o meu estado de ansiedade era grande.

Ao abrir o primeiro anexo não pude evitar uma instantânea e desagradável sensação de choque. Era uma imagem muito

³² Miss Meredith Mann era, à data, bibliotecária na Rare Book Division and Collection Department, da New York Public Library. A sua preciosa colaboração foi determinante para o desfecho da presente investigação, nomeadamente no que se refere às suas conclusões mais relevantes. Aqui fica a expressão do nosso reconhecimento.

aumentada, de elevada definição, da dita mancha (figura 15). A imagem do segundo anexo, que mostrava o verso do rosto, com luz rasante, sem qualquer vestígio de relevo, era igualmente conclusiva. O conjunto das duas imagens não deixavam margem para dúvidas: era óbvio e bem visível que se tratava de um defeito do papel (figura 16).

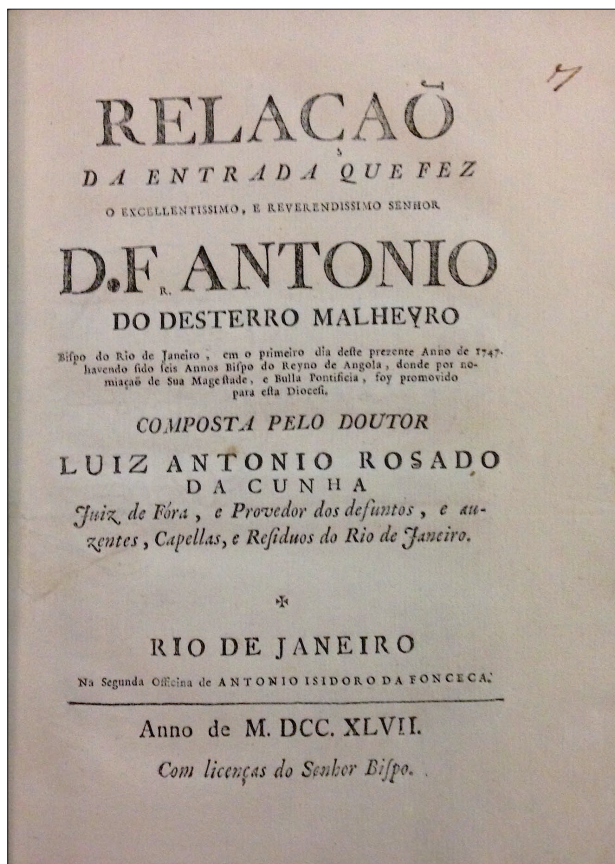


Figura 14 – Mancha no rosto do exemplar NYPL2



Figura 15 – Mancha no rosto do exemplar NYPL2 (muito aumentada)



Figura 16 – Verso do rosto do exemplar NYPL2 (com luz rasante)

As consequências eram lógicas e, até certo ponto, mesmo dramáticas: o exemplar NYPL2 era, não só autêntico, como tudo apontava para que tivesse servido de original para a reprodução fotomecânica de outros exemplares com a mancha a tinta negra, que eram, portanto, muito provavelmente falsos, ou, no mínimo, contrafeitos (quadro 4).

5. Síntese dos argumentos

Façamos um último esforço para referir de forma resumida os argumentos já apresentados, bem como outros que, por questões de ordem prática, não foram ainda abordados:

a) *Proveniência*

Seguramente quatro, mas muito provavelmente cinco, e eventualmente mesmo seis ou sete, dos oito exemplares que integram o grupo B, provêm da mesma fonte, o livreiro-antiquário Alberto de Castro. Já anteriormente tinha referido a circunstância de difícil explicação que consiste no facto de uma única pessoa ter tido acesso a, pelo menos, três exemplares genuínos de uma obra tão excessivamente rara. Embora correndo o risco de especular sobre dados que não possuo, será plausível acreditar que Alberto de Castro tenha adquirido os três exemplares do folheto na primeira metade da década de 1960³³, diretamente ao cónego António Baltasar Pires, testamenteiro de D. Maria Máxima Malheiro Reimão Teles de Meneses Leite Cardoso Pereira de Melo (1869-1940), viscondessa de Montedor e, à data, proprietária de grande parte do

³³ Recordo que a incorporação dos dois exemplares da New York Public Library data de 1965.

património da família Malheiro Reimão, que incluía o espólio de D. Fr. António do Desterro³⁴.

b) *Exemplares com mancha*

Recapitulemos um pouco. Já tínhamos constatado o paralelismo (ou a falta dele) entre a mancha do exemplar de Lisboa e a do exemplar de Nova Iorque. Terá sido este folheto (NYPL2) que foi fotografado pelo referido livreiro (ou uma terceira pessoa) e a partir do qual foram produzidas matrizes zincogravadas, com vista à reprodução de exemplares idênticos, a que poderemos chamar fac-similados, contrafeitos ou mesmo falsos, mas certamente não originais³⁵.

c) *Origem das matrizes*

A produção das matrizes em zincogravura foi, muito provavelmente, iniciativa de Alberto de Castro³⁶, a quem não podemos, por princípio, atribuir qualquer intuito menos correto. Na realidade, nenhuma das informações recolhidas permite envolver o livreiro de Lisboa em qualquer das transações relacionadas com exemplares duvidosos. Pelo contrário, os únicos três exemplares do grupo B que garantidamente foram transacionados por

³⁴ D. Fr. António do Desterro terá enviado, pelo menos, em cinco ocasiões (nas frotas de 1754, 1755, 1756, 1761 e 1763) diversos bens do seu património, do Rio de Janeiro para Viana do Castelo (F. J. C. FERNANDES, op. cit., p. 183). Não será difícil imaginar que possa igualmente ter enviado livros, entre os quais alguns exemplares do famoso folheto, a que certamente teve acesso, a fim de os fazer chegar à família e amigos.

³⁵ O exemplar NYPL2, que serviu de original para a reprodução em fotogravura dos restantes (com mancha), foi adquirido pela instituição ao livreiro Alberto de Castro em 1965, pelo que, logicamente, deverá ter sido fotografado em data anterior à sua transação.

³⁶ No decurso da nossa investigação, recolhemos um testemunho indireto, mas fidedigno, que nos assegurou que as matrizes existem ou, pelo menos, existiram e chegaram mesmo a ser observadas nas instalações do livreiro Alberto de Castro, já na década de 1980.

Alberto de Castro (NYPL 1, NYPL2 e JCBL) são todos genuínos. A estes há a acrescentar, evidentemente, o exemplar de Lisboa, mas o mesmo continua ainda em poder do único descendente de Alberto de Castro e, segundo este, nunca terá sequer chegado a abandonar a sua biblioteca.

d) *Marcas de água*

As marcas de água do exemplar de Lisboa³⁷, embora eventualmente da época, não encontram paralelo em nenhum dos “exemplares de referência” (figuras 17.1 e 17.2), enquanto que as marcas de água de ambos os exemplares da NYPL têm correspondência com os “exemplares de referência” (ver n.^{os} 7 e 8, do quadro 3), o que constitui forte argumento, embora não decisivo, em favor da sua autenticidade.

³⁷ A descrição das marcas de água do exemplar de Lisboa é a seguinte: a) vergaturas verticais; pontusais transversais com afastamento de 24 mm. b) motivo vegetalista central elaborado, semelhante a uma flor-de-lis (sobre a dobra) com 95x71 mm; mais abaixo a palavra FABRICA (115 mm) e um pouco abaixo, D. PASVALE (111 mm); esta marca de água ocorre nos primeiros 3 bifólios (A1, A2 e A3) e no último (bifólio com as licenças e folha branca final); não foi possível localizar o nome deste fabricante em nenhuma das obras de referência consultadas, incluindo Edward HEAWOOD, *Watermarks, mainly of the 17th and 18th centuries*. Reprint, Hilversum, The Paper Publication Society, 1959; W.A. CHURCHILL, *Watermarks in paper in Holland England, France, etc. in the XVII and XVIII centuries...* Amsterdam, Menno Hertzberger, 1967; c) os bifólios A4 e A5 apresentam uma grande marca de água diferente, que ocupa quase toda a folha (± 220x140 mm) representando as armas de Portugal (ao centro, sobre a dobra) envoltas de motivos vegetalistas; no canto superior direito, a contramarca P.; as únicas marcas de água com armas de Portugal semelhantes, mas não idênticas, a estas foram encontradas em João AMARAL, “Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVIII / descobertas e desenhadas por João Amaral”, in *Beira Alta*, Viseu, Junta de Província, 1950-1954, vol. XI, fasc. I-II (1952), pp. 113-154 e correspondem aos anos de 1776 (p. 131) e 1781 (p. 153); quanto à contramarca P. foi encontrada apenas uma ocorrência, na mesma obra, com data de 1777 (p. 135).

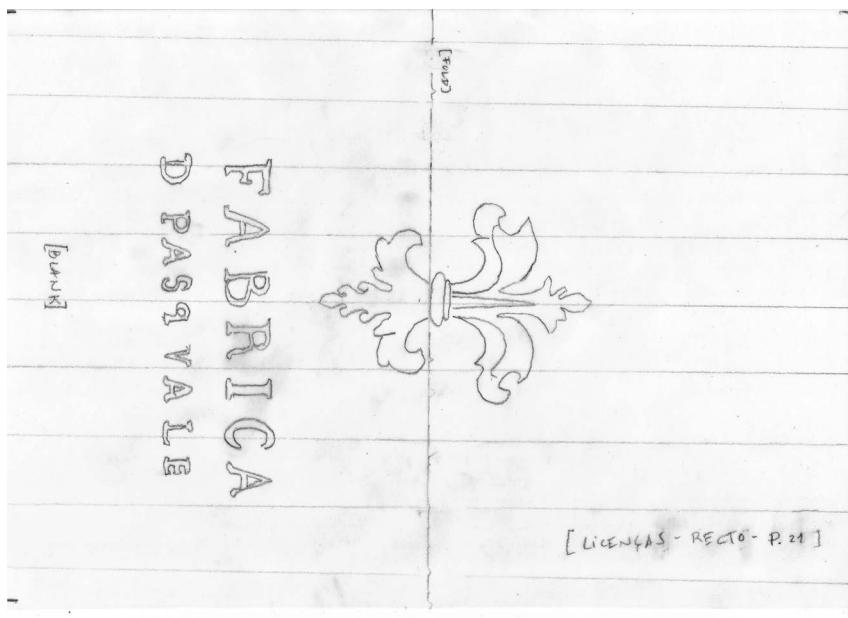


Figura 17.1 – Marca de água do exemplar de Lisboa (decalque do autor)

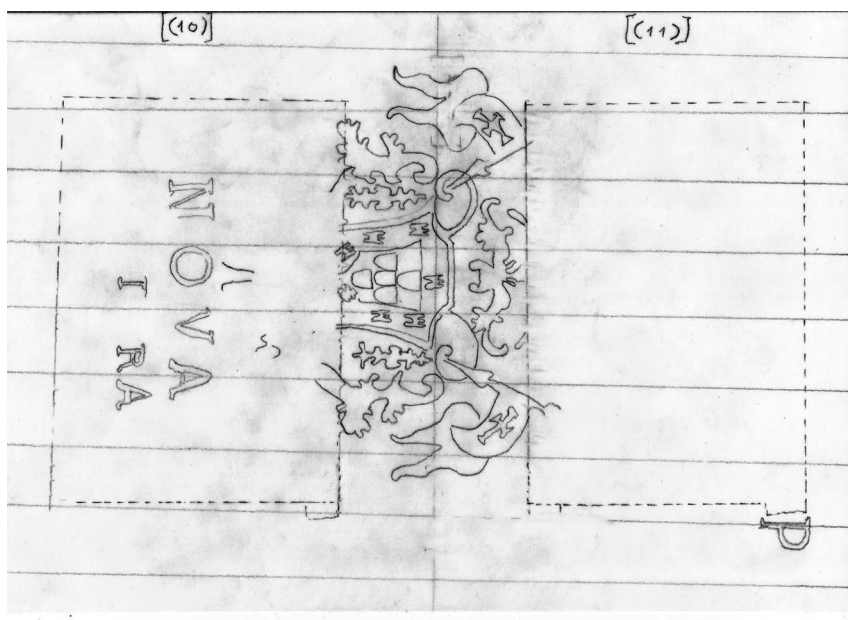


Figura 17.2 – Marca de água do exemplar de Lisboa (decalque do autor)

e) *Qualidade da impressão*

O exemplar de Lisboa partilha com o exemplar Swann as mesmas características: forte impressão não uniforme, provocando relevo acentuado no verso, tinta negra e homogênea, por vezes em excesso, com salpicos microscópicos e contornos das letras mal definidos (figura 11).

f) *Estrutura*

A questão das estruturas dos exemplares conhecidos é mais facilmente explicada através da elaboração de um simples quadro sinóptico (quadro 5). Torna-se assim aparente e significativo constatar que todos os “exemplares de referência” (5), bem como os exemplares validados como originais (4), apresentam a mesma estrutura que é documentada pela imagem em anexo (figura 18), pertencente ao exemplar NYPL2: uma única costura entre as páginas 12 e 13, ou seja, a meio do exemplar, o que configura a tipologia do formato duodécimo³⁸. Em contrapartida, a estrutura do exemplar de Lisboa apresenta duas costuras (figura 19), uma entre as páginas 10 e 11, e a segunda, no bifólio final, entre as páginas [22] e [23] (figura 20)³⁹. Esta estrutura, que pressupõe a existência de um caderno com 10 folhas (5 bifólios encasados) e 20 páginas, é obviamente atípica e irracional, impossibilitando, na prática, a dobragem num plano único com duas faces e duas seqüências ordenadas de 10 páginas cada. Em resultado desta nossa linha de raciocínio, é nossa opinião que o exemplar de

³⁸ A impressão de um trabalho tipográfico no formato duodécimo implica a utilização de uma folha única (plano de máquina) na qual são impressas 12 páginas no recto (20, 5, 8, 17, 13, 12, 9, 16, 24, 1, 4, 21) e outras 12 no verso (18, 7, 6, 19, 15, 10, 11, 14, 22, 3, 2, 23), algumas das quais com texto invertido para que o documento, depois de dobrado quatro vezes, formando um caderno, apresente o sentido de leitura convencional.

³⁹ Infelizmente não nos foi possível obter qualquer informação sobre a estrutura dos cadernos do exemplar Swann, que pressentimos possa ser idêntica à do exemplar de Lisboa.

QUADRO 5

censo dos exemplares conhecidos: entidades proprietárias, datas, proveniências, estruturas e validação

	Proprietário / / localização	Data	Proveniência	Estrutura	Validação
1	Biblioteca Geral da Univ. de Coimbra	1806	Mons. Hasse de Belém	12º	referência
2	Biblioteca Nacional do Brasil 1*	1808	Coleção Barbosa Machado	12º	referência
3	Biblioteca Nacional do Brasil 2	1889	Coleção J. A. Marques	12º	referência
4	Biblioteca do Itamaraty, Brasil*	1912	Coleção Rio Branco	12º	referência
5	Catholic University Library	1920	Biblioteca Oliveira Lima	12º	referência
6	Universidade de São Paulo	< 1962	Borba de Moraes / / José Mindlin	12º	original
7	New York Public Library 1	1965	Alberto de Castro	12º	original
8	New York Public Library 2	1965	Alberto de Castro	12º	original
9	John Carter Brown Library	1974	Alberto de Castro	12º	original
10	Fundação Robert Bosch	1978	(não confirmada)	???	(inconclusiva)
11	Brasiliana Itaú	2010	(não confirmada)	???	(inconclusiva)
12	Exemplar de Lisboa	1990	Alberto de Castro	10 + 2 ff.	contrafação
13	Exemplar Swann	< 2012	(não confirmada)	???	contrafação

*A identificação da estrutura dos exemplares 2 e 4 foi presumida a partir da localização das marcas de água e baseou-se no princípio, consensualmente aceite, de que duas folhas (planos de impressão) com as mesmas características (vergaturas, pontuais, marcas de água e respetiva localização), sendo da mesma dimensão, depois de dobradas, produzem estruturas idênticas.

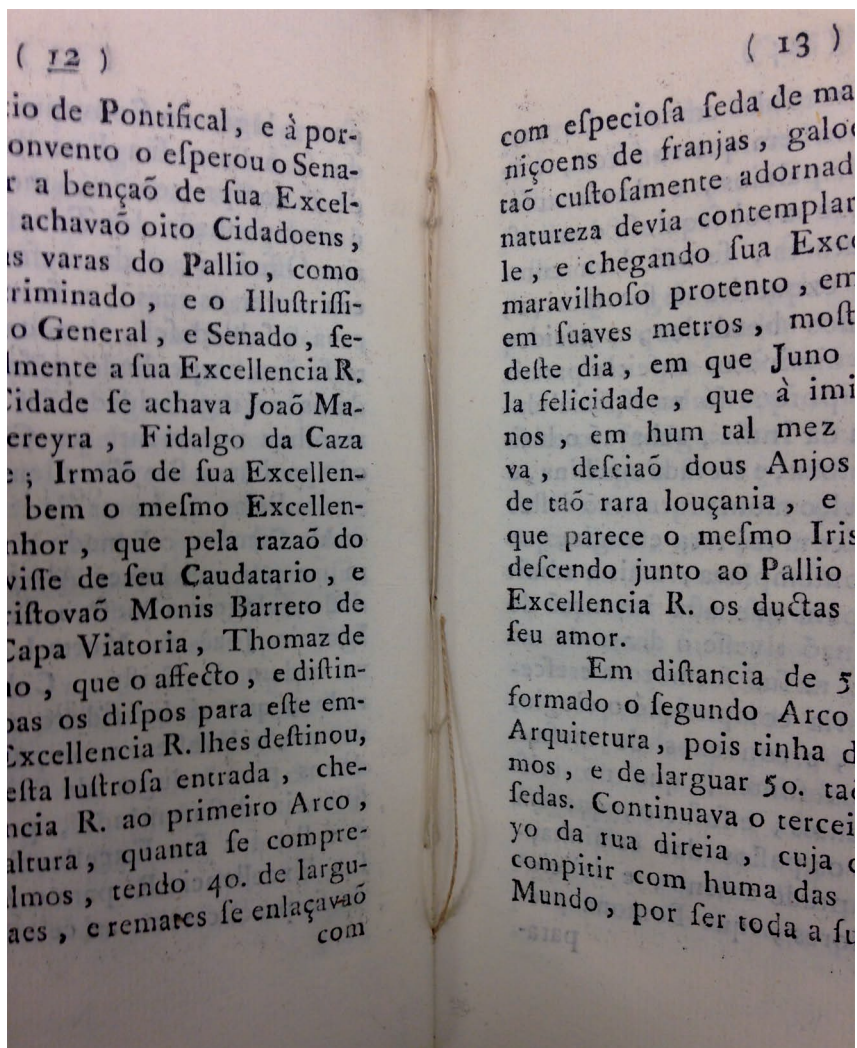


Figura 18 – Costura do exemplar NYPL2 (pp. 12/13)

Lisboa (e possivelmente o exemplar Swann) terá sido estampado por um processo de impressão sucessiva de duas a duas páginas.

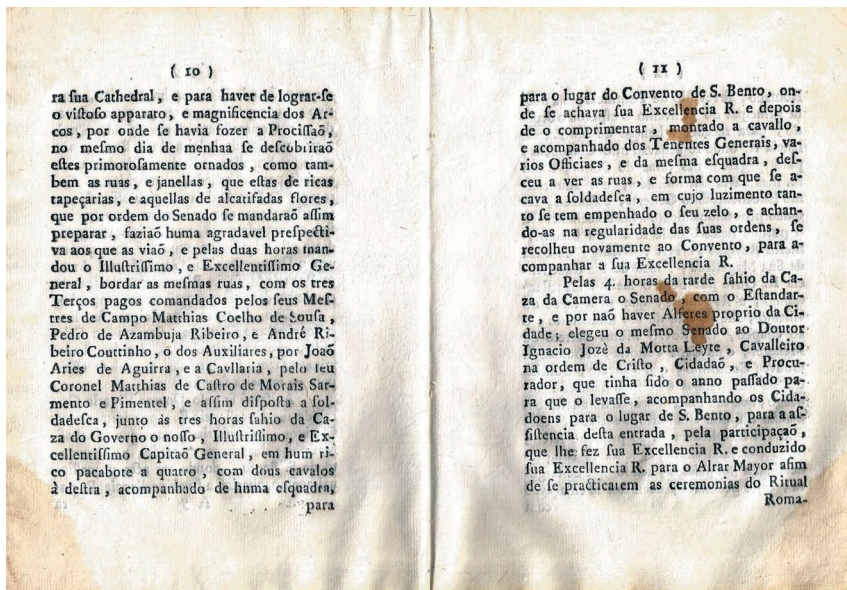


Figura 19 – Costura A do exemplar de Lisboa (pp. 10/11)

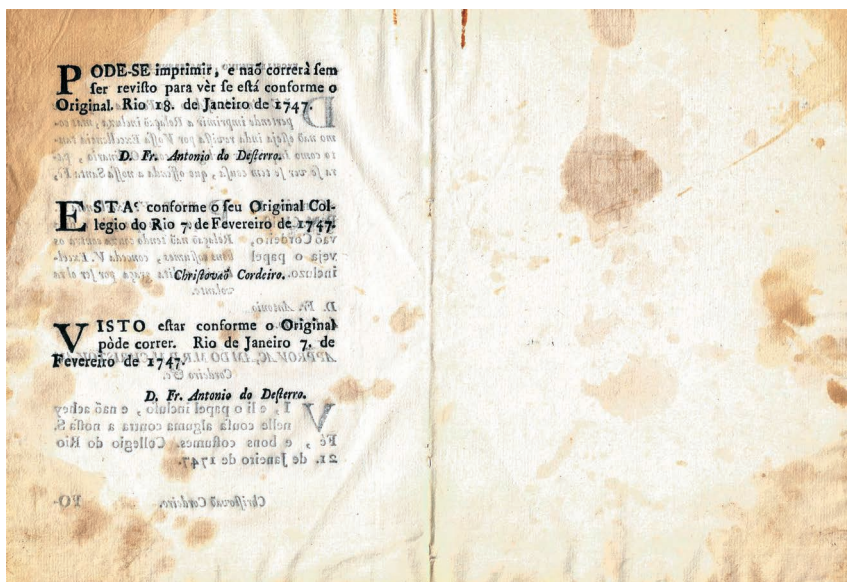


Figura 20 – Costura A do exemplar de Lisboa (pp. 10/11)

g) *Outras diferenças nas variantes*

Como já foi referido, no decurso da presente investigação, por razões de ordem prática, reduzimos o número de variantes do folheto a duas, tendo apenas em conta as datas dos pés de imprensa, respetivamente MCCXLVII e MDCCXLVII. Contudo, também mencionámos a existência de outras diferenças de exemplar para exemplar, nomeadamente quanto à grafia e composição de diversas palavras. A este respeito, Jerónimo de Barros, embora não as analisando a todas, refere concretamente: “Há, na verdade, muitas diferenças entre os folhetos consultados. Dependendo dos exemplares comparados, nas 22 páginas do opúsculo, incluindo o processo de licença impresso no próprio documento, encontramos diferenças em até dezesseis páginas”⁴⁰. Embora também não nos tenhamos dado ao trabalho exaustivo de comparar todas as diferenças, podemos adiantar que, no que toca às diferenças mais significativas, o exemplar de Lisboa confere exatamente com as características do exemplar NYPL2⁴¹.

6. Conclusão

Em consequência dos argumentos que acabámos de expor, pensamos não ser possível chegar a outra conclusão senão a de que o exemplar de Lisboa é contrafeito ou mesmo falso, mas certamente não original, tendo sido reproduzido através de um processo tipográfico e fotomecânico, envolvendo quase seguramente a zinco-

⁴⁰ J. D. E. de BARROS, op. cit., p. 92 e pp. 167-169 (anexo IV).

⁴¹ As diferenças analisadas e comparadas nos exemplares de Lisboa e NYPL2, foram as seguintes: palavra *au-* | *zentes*, na página de rosto; palavra *Residuos*, na página de rosto; expressão *Está conforme o seu Original...*, na aprovação de Fr. Cristóvão Cordeiro constante da última página impressa (p. [22]); palavra *habita-* | *ção*, na 5.ª linha da p. 20.

gravura, e impresso em papel do século XVIII, muito provavelmente na primeira metade dos anos 60 do século XX⁴².

Lisboa, março de 2017

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Eduardo de Castro e, “Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa organizado para a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro”, in *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Bibliotheca Nacional, 1936 (vol. 50, 1928), p. 121.
- AMARAL, E. A. Maia do (coord.), “1800-1834: da normalidade possível à Guerra Civil”, in *Os livros em sua ordem: para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014, pp. 78-79.
- AMARAL, João, “Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVIII / descobertas e desenhadas por João Amaral”, in *Beira Alta*. Viseu, Junta de Província, 1950-1954, vol. IX, fasc. I-II (1950), pp. 117-136, vol. IX, fasc. III (1950), pp. 253-278, vol. XI, fasc. I-II (1952), pp. 113-154, vol. XIII, fasc. I-II (1954), pp. 185-216.
- ANSELMO, Artur, “O livro português na época de D. João V”, in *Estudos de história do livro*. Lisboa, Guimarães, 1997, pp. 87-92.
- BARROS, Jerônimo Duque Estrada de, *Impressões de um tempo: a tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro (1747-1750): dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do grau de mestre em História Social*. Niterói, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2012.
- BRAGANÇA, Aníbal, *Antônio Isidoro da Fonseca, Frei Veloso e as origens da história editorial brasileira: [trabalho apresentado ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências*

⁴² Desde que iniciámos a presente investigação que o nosso objetivo se centrou única e exclusivamente na procura de argumentos que comprovassem (ou não) a autenticidade do exemplar de Lisboa. No decurso deste processo, fomos, contudo, levados a deduzir diversas razões em favor ou desfavor da originalidade também de outros exemplares. Incluem-se no primeiro caso os exemplares considerados de referência (1 a 5), bem como os definidos como originais (6 a 9), e, no segundo caso, o exemplar Swann. Ficam, portanto, de fora das conclusões os exemplares Robert Bosch e Brasiliana Itaú, dos quais não pudemos dispor de imagens suficientemente elucidativas, nem tão-pouco de informações conclusivas sobre as respetivas estruturas. No entanto, não podemos deixar de recomendar a futuros investigadores e às duas instituições em questão uma revisão mais aprofundada dos exemplares em causa que incluía, nomeadamente, os principais critérios utilizados no presente trabalho: proveniência, estrutura e ocorrência da mancha na página de rosto.

- da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007*]. São Paulo, Intercom, 2007. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0782-1.pdf> (acesso em 16/01/2017).
- CHURCHILL, W. A., *Watermarks in paper in Holland England, France, etc. in the XVII and XVIII centuries...* Amsterdam, Menno Hertzberger, 1967.
- CUNHA, Luís António Rosado da, “Relação da entrada que fez o Bispo do Rio de Janeiro D. Fr. António do Desterro Malheiro nesta Cidade em 1747”, in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXX (1973), pp. 117-141.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça, *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. Coimbra, Almedina, 2008.
- FERNANDES, Francisco José Carneiro, “Capelas de Viana: capela e palacete dos Malheiros Reymão”, in *Cadernos vianenses*, tomo VI, 1981, pp. 179-184.
- GAUZ, Valeria, *Portuguese and Brazilian books in the John Carter Brown Library: 1537 to 1839*. Providence, John Carter Brown Library, 2009.
- HEAWOOD, Edward, *Watermarks mainly of the 17th and 18th centuries*. Reprint, Hilversum, The Paper Publication Society, 1959.
- MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan, “1. Quem proíbe”, in *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2005, pp. 9-57.
- MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e, *O papel como elemento de identificação*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.
- MORAES, Rubens Borba de, “O primeiro livro impresso no Brasil e os primeiros impressos brasileiros”, in *O bibliófilo aprendiz ou prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros...* São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 1965, pp. 145-168.
- MORAES, Rubens Borba de, *Bibliographia Brasiliana: rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian authors of the Colonial period*. Revised and enlarged edition. Los Angeles, University of California; Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1983.
- RATTNER, Jair Norberto, *Levantamento das obras impressas por António Isidoro da Fonseca existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa [trabalho realizado para o seminário de História do Livro na Fac. de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa]*. Lisboa, s.n., [UNL], 1990.
- SMITH, Carleton Sprague, “Two Copies of the First Book Published in Brazil”, in *Homage to a bookman: essays on manuscripts, books and printing written for Hans P. Kraus on his 60th birthday Oct. 12, 1967*. Berlin, Gebr. Mann Verlag, 1967, pp. 187-195.